

**A ARTE DE SE PERFORMAR NO COTIDIANO ESCOLAR: necessidade ou aprendizagem? Perspectiva sob o corpo da criança**

*Mariana de Oliveira Felsky Mello*  
*Karla Renata Ferri*

**RESUMO**

Este ensaio trata da esfera escolar como impositiva de regras preestabelecidas socialmente, a fim de garantir a formação de sujeitos aptos à convivência nas demais esferas sociais. A escola intervém nos corpos das crianças e nas formas de ser e estar no mundo. Bakhtin (2011) entende o corpo como receptor e produtor de sentidos, influenciado pelo discurso social e por sua ideologia. Neste contexto, Schechner (2010) afirma que toda ação humana insere-se no campo denominado performance. Assim, percebe-se que a escola pode estar reproduzindo experiências que atendam à demanda rasa de moldar corpos civilizados. Ao chegar na escola, as crianças já trazem visões de seu corpo e de seus pares, fomentando a performance como processo de contínuas experiências que não devem ser moldadas. Posto isto, questiona-se se as relações escolares ensinam performances reprodutoras de papéis sociais ou se os corpos têm necessidade de se performarem para responder às regras sociais de convivência. Por meio da Análise Dialógica do discurso (ADD), serão analisadas performances das crianças de uma escola municipal da cidade de Curitiba-Pr durante o momento de recreio, a fim de observar as relações construídas neste tempo e espaço em que as performances parecem ocorrer livremente.

**Palavras – chave:** Corpo; Performance; Esfera Escolar.

## 1. A CRIANÇA E O CORPO NA ESCOLA

Ao adentrar no mundo escolar, as crianças contemplam espaços diversos com infinitas possibilidades de apropriação. É uma espécie de “mundo novo”, pois pais, avós e pessoas conhecidas da habitual esfera familiar não estarão presentes, acarretando transformações no cotidiano das crianças. Com o passar dos dias, muitas pessoas diferentes se apresentam com inúmeras propostas, alterando significativamente a rotina dos pequenos, impondo a convivência com outras crianças de idades similares e espaços que tendem a se modificar constantemente. Assim, há um rompimento parcial do seio familiar, surgindo um novo começo, permeado de muitas vozes que buscam instruir e ensinar normas e comportamentos ditos “corretos” diante da sociedade, a fim de formar “adultos preparados para a vida”.

Desde sua constituição, a escola parece definir o que deve ser ensinado/apreendido e como as crianças devem se portar não só neste ambiente, mas em tantos outros espaços sociais, apresentando regras que devem ser seguidas, impondo ao corpo certos limites, pois ensinar traz consigo certas convenções de comportamento, de vestuário e de linguagem e impõem uma subserviência aos rituais. (SCHECHNER, 2010)

A escola como “controladora” dos corpos das crianças não é novidade, Ligiéro (2012, p. 84) afirma que “as escolas são foco de rituais inventados, pertencentes [...] ao “espírito da escola”. Crianças são seres expressivos que se utilizam da fala verbal e corporal para se comunicarem, representando formas de ser e estar no mundo, buscando uma unidade, agenciando signos para produzir sua identidade e se reconhecer socialmente. A esses comportamentos instaurados e restaurados, conscientes ou inconscientes, Ligiéro (2012) baseia-se em Schechner que nomeia performance:

Algo ‘é’ performance quando os contextos histórico e social, a convenção, o uso a tradição, dizem que é. Rituais, jogos e peças, e os papéis da vida cotidiana são performances porque a convenção, o contexto, o uso e a tradição assim dizem. Não se pode determinar o que ‘é’ performance sem antes referir às culturais específicas. Não existe nada inerente a uma ação nela mesma que a transforma numa performance ou que a desqualifique de ser uma performance. A partir da perspectiva do tipo de teoria da performance que proponho, toda ação é uma performance. Mas da perspectiva da prática cultural, algumas ações serão julgadas performances e outras não; e isto varia de cultura para cultura de período histórico para período histórico. (LIGIÉRO, 2012, p.12)

Percebe-se assim que o conceito de performance é intercultural, histórico, atemporal, estético, ritual, étnico, sociológico, político e refere-se aos modos de comportamentos

habituais da vida diária, sendo um exercício multifacetado da experiência humana, podendo caracterizar quaisquer atividades, principalmente as que contribuem de forma audível à determinados desejos da sociedade.

Especificamente no século XXI, o corpo tem sido entendido de maneira mais limitada, sendo isolado e fechado em si mesmo, o que facilmente se reflete na escola, entendendo esta como uma das principais responsáveis pelo processo educativo humano.

O corpo é um signo do homem, impregnado de sentidos e valores que se formam de acordo com o meio social e cultural do homem. No processo de conhecimento de si mesmo, o corpo do sujeito é fundamental, uma vez que confere o domínio sobre a existência que possibilita as relações interpessoais no cotidiano. Breton (2016) apresenta corpo é o fio condutor de uma abordagem antropológica e sociológica do mundo, sem o qual não existiria o homem. Assim, a existência humana no mundo é corporal.

Considerando a importância do corpo dos sujeitos e seu desenvolvimento em detrimento dos valores e concepções sociais transmitidos pelas ações escolares cotidianas, é possível dialogar com Ligiéro (2012), quando este afirma que as ações humanas são construídas a partir de pedaços de comportamentos modelados a fim de se produzir um efeito determinado. Cada meio social exige comportamentos pré-determinados e a escola tem assumido esse papel de ensinar às crianças como agir em diferentes espaços. Exemplo disto é que no momento em que estão na escola, crianças e professores não agem da mesma forma, pois do professor exige-se uma série de comportamentos que sejam condizentes ao exercício do ensino, que podem configurar desde o uso de vestimentas ditas apropriadas ou de didática adequada. Aos alunos, cabe o respeito hierárquico, aceitação de regras e controle de suas vontades e interesses.

Schechner (2010) elucida que a ação de ensinar não se configura como uma performance artística, o que não significa que não seja performance. Ao contrário, é considerada como tal na medida em que o professor precisa definir certas relações com os alunos, para desempenhar o papel de professor.

Partindo desta ideia, Icle (2010) considera os Estudos da performance com inúmeras possibilidades no campo educativo, pois aparecem como instrumentos que contribuem para pensar as relações sociais, as identidades, a estética, as infâncias, a vida cotidiana, entre outras esferas de atividades humanas. Neste mesmo sentido, Pereira (2012) relaciona a performance e o corpo na presença física, que marcam identidades e moldam o corpo, dando ao mesmo outras formas e outros sentidos, podendo ser significações, sensações e/ou orientações, o que

é ratificado por Pineau (2013) que afirma que o corpo é um constructo social formado a partir de ações corporais contínuas.

Dessa forma, por meio do entrelaçamento entre corpo, escola e performance, objetiva-se neste ensaio, discutir como estes elementos se relacionam na construção/constituição das crianças enquanto sujeitos sociais e como influenciam diretamente no corpo das mesmas, visto que o cotidiano escolar permeia as relações e as construções sociais de todos os indivíduos. Além disso, é importante questionar se estas performances aparecem como uma necessidade ou como produto das aprendizagens inerentes ao contexto educativo, ou seja, as crianças sentem necessidade de se performar para viverem em sociedade ou aprendem na escola a performar?

Tal questionamento se encontra e se justifica no exercício de se (re)pensar a escola como instituição que acompanha os sujeitos por grande parte de suas vidas, e que possibilita uma gama de ações que podem contribuir para a compreensão da sociedade em que vivemos e o que estamos re(produzindo). Estas parecem emergir constantemente quando se consideram as relações entre os indivíduos, pois todos passaram pela fase escolar e se depararam com tais aprendizagens ao menos até o início da fase adulta.

## **2. PERFORMANCE , CORPO E ESCOLA: CONSTRUÇÕES OU IMPOSIÇÕES SOCIAIS?**

Quando se considera a palavra performance no âmbito de seu significado, pode ser que seja compreendida como conjunto de resultados obtidos em testes, proezas esportivas, bom desempenho, melhor forma de se demonstrar um feito, etc. No presente ensaio, o viés da performance abordado não será voltado a tal significado, mas sim ao referenciado pelos Estudos da Performance de Richard Schechner<sup>1</sup>, que considera que os papéis da vida diária, dos cotidianos sociais, consistem-se em rituais de sons e gestos corporais, aonde o corpo é o mediador do homem com o mundo.

Para Schechner (2010), a vida demanda ação e o conjunto de ações não-intencionais, que não são pensadas previamente, são performances que variam de acordo com o ambiente e momento em que se vive, não se remetendo a falsidade e/ou encenações teatrais, mas sim a eventos comuns da vida pessoal. Breton (2016) afirma que a vida cotidiana é lugar

---

<sup>1</sup> Richard Schechner é professor, pesquisador e diretor teatral. Um dos fundadores do Department of Performance Studies (EUA). Trabalha com perspectiva interdisciplinar entre as Artes e a Antropologia, após contato com o Antropólogo Victor Turner.

privilegiado de relações, de encontros que renovam sentidos. A repetição das ações cria a sensação de singularidade das vivências humanas.

Nesta perspectiva, a performance ocorre por meio da convenção, do contexto e do uso da tradição/cultura. Não existe ação nela mesma que a transforma ou não em uma performance, ou seja, para o autor, toda e qualquer ação é performance.

Essa noção de reunião, de encontro, de interação da performance poderia ser tomada como um modelo para a Educação. Educação não deve significar simplesmente sentar-se e ler um livro ou mesmo escutar um professor, escrever no caderno o que dita o professor. A Educação precisa ser ativa, envolver num todo *mentecorpoemoção* – tomá-los como uma unidade. Os *Estudos da Performance* são conscientes dessa dialética entre a ação e a reflexão. (SCHECHNER, 2010, p.26)

Assim, a performance nada mais é do que uma forma de expressão que depende da presença, do corpo, da atuação, da linguagem e do extracotidiano que abrange o âmbito cultural, aonde a expressão corporal de performar é uma forma de linguagem que define tempos, espaços e papéis sociais de cada sujeito social. A vida social é de natureza aberta e processual. A aprendizagem escolar não pode apenas considerar o ser humano em seu aspecto cognitivo, separado de seu corpo, pois assim reforça a visão dualista do homem, ou seja, não o respeita como indivíduo em sua totalidade, como ser integral. Para haver performance, tem que haver um corpo, pois este é receptor, catalisador e emissor de sentidos. Breton (2016) afirma que o homem é o seu corpo, portanto, é primordial considerar os sinais não verbais na comunicação humana.

O autor ainda elucida que não pode existir conhecimento do corpo quando suas definições e performances seguem modelos contraditórios de áreas sociais e culturais, pois o corpo é socialmente construído e pode ser visto como instrumento transitório. A significação que o homem atribui às coisas do mundo é o que determina seu comportamento. E neste aspecto encontramos a esfera escolar que atua fortemente no processo de ensino da “verdade social”.

As relações escolares cotidianas entre os sujeitos fazem parte da performance, sendo a ação cotidiana ou não que presentifica e reposiciona as relações interpessoais no mundo, organizando o comportamento humano dentro de uma determinada realidade cultural:

A vida cotidiana é assim revestida pelas qualificações que nós atribuímos às pessoas pelas quais nós cruzamos. Um halo emocional atravessa todas as trocas e apoia-se nas entonações de voz, na qualidade da presença, nas maneiras de ser, nas encenações da aparência etc. (BRETON, 2016, p.123)

Os atos performativos ocorrem em situações comuns, aonde se apresentam certos modos de ser, de falar, escrever e conduzir as relações. Pereira (2012, p.34) reforça que “os estudos da performance contribuem para a compreensão do que significa ser humano”.

No momento em que chegam à escola as crianças possuem a visão de si, de seu corpo, de seus pares e dos outros em conformidade com os dizeres e ensinamentos de sua família, do que vivenciaram com seus pais. A esfera escolar favorece a interação verbal e corporal dos sujeitos com o mundo e sua cultura. Para se reconhecerem como tais, os sujeitos necessitam do olhar dos outros. O ativismo do ser humano, ou seja, sua capacidade de ação é criada pelo corpo exterior do outro. (BAKHTIN, 2011). Assim a performance dos alunos na escola torna-se um tanto quanto complexa em relação a infinidade de influências que agem nestes atos de performar.

A performance abre o espaço para a indeterminação, para o indizível, preza pelo imaginado em detrimento do entendido, ela justapõe o incongruente, busca, com isso, promover novas significações, novos esquemas, novas configurações de ser, novas formas de expressão e contraexpressão. Nela embute-se um anacoluto no corpo – fendas, brechas interpretativas, formas de compreender o mundo, o outro, que não se esgotam pelo rigor do discurso lógico, racional, mas que antes evoca o corpo, as vísceras, a memória para uma real aproximação com esses. (PEREIRA, 2012, p.307)

Por mais que a forma de ação de performar do indivíduo seja inerente a si mesmo na escolha de suas ações, sofrerá influência dos outros que estão ao redor e na forma de performar destes outros. É no contato com as performances sociais e na escola que as crianças fomentarão suas significações. Cavalcanti (2013) apresenta a visão de performance como um processo em que uma experiência se consuma e apreende sentidos, um encontro entre passado e presente.

Mclaren (1992) define os ambientes escolares como riquíssimos repositórios de sistemas rituais que se operam numa constante. Neste sentido, o professor passa a ser uma espécie de modelo social para as crianças, da mesma forma que os familiares o são para as crianças desde a mais tenra idade.

Machado (2010) ao escrever sobre as crianças de até seis anos de idade, afirma que a aproximação antropológica se dá em gesto e em palavra, uma vez que os alunos são partes constituintes das performances vividas e/ou propostas por seus professores. A convivência e a relação de proporcionar novos conhecimentos torna o professor performativo ao comunicar algo aos alunos. Considerar as crianças como performers pode contribuir para se pensar a

infância e a educação em variados âmbitos. “A criança é *performer* de sua vida cotidiana, suas ações presentificam algo de si, dos pais, da cultura ao redor, e também algo por vir [...]”. (MACHADO, 2010, p.123)

A autora ainda afirma que as crianças brincam com seus corpos e possuem motivação em si mesmas, fazendo das variadas performances suas linguagens para ser e estar no mundo. Define as crianças como atores sociais, intensamente interativas com seus pares e o mundo adulto, que possuem o dom de brincar com seu corpo e com o mundo ao redor. Assim, é importante observar que o corpo sinaliza cultura e a corporalidade da criança é dinamicamente seus modos de ser e de se relacionar, sem separações. Reconhecendo-se como sujeito do mundo, as crianças usufruem dele e com ele, por meio de gestos e palavras dos outros, especialmente dos pais, familiares e professores.

As ações das crianças durante o cotidiano escolar podem ser consideradas como atos performáticos, pois como já citado anteriormente, elas apresentam dizeres intensos por meio de seus corpos, sendo a gestualidade uma das primeiras linguagens infantis. Quando elas dançam, brincam, desenham e criam seu mundo imaginário, estão realizando performances, que não remetem pura eficácia ou entretenimento. Bonatto (2015, apud SCHECHNER<sup>2</sup>, 2000) afirma que as performances podem ser consideradas a partir de variados pontos de vista.

### 3. ANÁLISE DIALÓGICA: RECREIO PERFORMÁTICO EM DISCURSO

Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) foi um teórico russo que refletiu sobre a linguagem e contribuiu significativamente em diversas áreas do conhecimento nas ciências humanas. Por meio de seus estudos em conjunto com outros intelectuais de seu tempo, compreendia a linguagem como dialógica por natureza e a alteridade como inata do ser humano, sendo o outro imprescindível para a concepção do eu. O dialogismo neste contexto é algo inerente ao mundo e às relações entre os sujeitos, o princípio constitutivo da linguagem, no qual existe um tecido de muitas vozes na interação verbal das relações sociais. Essa perspectiva considera a impossibilidade de conhecer o sujeito fora do discurso que ele mesmo produz.

Pensando na vida como dialógica e transpassada pela linguagem humana como forma de ser e estar no mundo, mais uma vez surge o corpo como signo ideológico de recepção e

---

<sup>2</sup> SCHECHNER, R. Performance: teoria & praticas interculturales. Buenos Aires: Libro de Rojas, 2000.

produção de sentidos. Dahlet (2011, p. 254) afirma que para Bakhtin “o corpo está localizado como a sede do discurso, seu lugar de formação; no âmbito de transbordamento do discurso interior para o discurso exterior, resta apenas o *âmbito da expressão semiótica*, cuja pedra de toque é a palavra”.

Ao considerar as relações sociais na esfera escolar a partir do corpo como produtor de enunciados verbais e gestuais por meio da performance, foi analisado dialogicamente o contexto do recreio de uma Escola da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, no Paraná. Nesta escola, o momento denominado recreio é constituído por 15 minutos nos quais são propostas variadas atividades físicas à escolha das crianças. Foi pensada a análise do recreio devido ao seu caráter livre, no qual as crianças têm liberdade de expressão e de performance. Não ocorre imposição de regras e as formas de controle do corpo não seguem as normas tão comuns de sala de aula.

O recreio ocorre na área externa da escola, composta por um grande espaço no qual há uma quadra coberta na parte superior, duas quadras sem cobertura, sendo uma delas cercada por pequenos muros e alambrados e outro espaço coberto no qual há bancos e uma imensa mesa de cimento. Não há um sinal sonoro para avisar que o recreio teve início, sendo este tempo controlado pelos professores em suas salas de aula.

Alguns minutos antes do horário determinado, os inspetores iniciam o trabalho de organização do espaço, utilizando materiais como rádio, caixa de som, tatames, bolas, cordas, cones, arcos, raquetes e pernas de pau. Aos poucos, as crianças se aproximam e se apropriam dos materiais. Percebe-se a predominância de meninos como sendo os primeiros a chegarem, geralmente correndo e assumindo posições diante do gol para chutarem a bola.

Logo todas as crianças estão no espaço. Na quadra com alambrado, há quatro cones que servem como traves do gol, aonde ocorre o jogo de futebol. Logo ao lado, sem nenhuma separação, são penduradas raquetes de frescobol e bolinhas. Na parte coberta onde se encontra a mesa de cimento, são disponibilizados jogos da memória, xadrez, futebol de botão e demais jogos de tabuleiros.

Na quadra maior, numa das laterais são colocadas três pares de pernas de pau encostadas na parede. Adiante, encontra-se quatro tatames com jogos de vareta gigante. Em um dos gols existentes no espaço, as crianças fazem fila para arremessar a bola no cesto e no outro, fazem fila para chutar pênaltis. Na outra lateral, não tem proposta de materiais, mas percebe-se que um grupo de meninas se organiza e realizam movimentos ginásticos, como estrelas, pontes e etc. Ao fundo, ficam um grupo de crianças próximas ao rádio escolhendo



músicas para dançarem, embora dificilmente alguma música seja concluída com uma coreografia. Por fim, existem três cordas atadas ao alambrado para facilitar o pular corda.

Durante uma semana de observações das performances das crianças nas diversas apropriações deste espaço, foi possível observar corpos que se expressam de maneiras infinitas, criando e recriando situações. De forma clara, foi visto que o corpo:

[...] aparece não mais como algo a ser docilizado, mas como algo a ser potencializado, colocado no centro da atividade. Performance e Educação se fazem no corpo, com o corpo e para o corpo [...] falamos aqui de um corpo compartilhado, partilhado na ação de fazer e olhar, interagir e reagir”. (ICLE, 2013, p.21)

A todo o momento as crianças não pareciam se sentir direcionadas, forçadas a algo. Iniciavam uma atividade e logo poderiam estar em outra, se relacionavam com um grupo de amigos e depois com outro grupo. É interessante observar que a grande maioria não aparece individualmente, estando sempre em grupos na realização de alguma proposta. Muitos ficavam na mesma atividade durante os 15 minutos, outros pulavam de um canto ao outro como se estivessem procurando um espaço para ficarem mais a vontade.

Algumas crianças queriam apenas participar da atividade e logo sair, enquanto outras assumiam o papel de “cuidadores” das atividades, ou seja, ao invés de performarem-se como alunos, eram os “professores” ou “inspetores”, pois ficavam organizando as filas, recolhendo materiais ou até mesmo sugerindo outras formas de apropriação. Seria uma forma de expressar a vontade de ser professor? De performar o papel que atribuem aos adultos que organizam as atividades?

No jogo de varetas gigantes, nem todos brincavam como se exigiam as regras. Alguns grupos sentavam nos tatames e faziam brincadeiras de equilíbrio com as varetas, equilibravam umas nas outras formando torres ou outras estruturas. Talvez numa aula de jogos intelectivos, o professor não permitiria que o jogo fosse realizado de outra forma, contrárias às instruções. Verificou-se que mesmo estando no espaço de uma atividade, as crianças interagem com outras propostas. Por exemplo, aquelas que brincavam com as varetas, em alguns momentos as utilizavam como baquetas de instrumentos de percussão, performando um músico. Por vezes, as mesmas varetas ainda serviam de espadas, microfones, etc. Mesmo não estando no espaço que seria destinado pra dançar, as performances de músico / dançarino ocorriam na apropriação do material que tinham em mãos.

As meninas que estavam em outro espaço performando ginastas organizavam coreografias seguindo o ritmo das músicas com estrelinhas, cambalhotas e pontes. Quem

estava brincando com as pernas de pau as encostava na parede e ficava próximo ao som, dançando, criando coreografias, observando os colegas e os imitando. Nas cordas, as atividades eram de pular, passar, entrar, saltar e sair, etc.

Ao término das músicas, automaticamente as crianças iam se organizando em filas, enquanto outras corriam para os materiais para ajudar a guardá-los. Foi um exercício interessante, pois não deixa de se ter um diálogo com o mundo social, fora das paredes da escola, pois existe a questão da performance dita “correta” para “sobreviver” nos meios de inserção. Provavelmente se alguma criança tentasse agir de outra forma, seu enunciado corporal seria visto como indisciplinado, atrapalhando o ritmo “normal” da organização.

Verificou-se também as relações sociais que se estabelecem entre alguns grupos, pois nem todas as crianças se “encaixavam” nas atividades. Exemplo disto está no grupo das meninas que performavam a ginástica. O grupo era composto apenas de meninas, não havia um menino próximo à brincadeira. Algumas crianças mais tímidas se aproximavam e olhavam com admiração, mas talvez por não se sentir à vontade naquele meio, não pertencente ao grupo. Em contrapartida, as meninas que se destacavam nos movimentos não olhavam para as outras, agindo com superioridade, como se estivessem performando para quem não sabe, para uma plateia. Essa situação remete ao que nos diz Conte e Pereira (2013) que lembram Goffman (1975) ao afirmar que quando o sujeito performa um papel implicitamente solicita que os outros encarem tal performance como séria, se comportam como performers observados por um público.

Considerando o espaço do recreio e a possibilidade de variadas performances dos corpos, os autores afirmam que:

A inserção da dimensão performativa na prática pedagógica está ligada ao encontro com o outro sujeito, ao momento presente em que os corpos se reúnem no espaço educativo para o estabelecimento de um fluxo de troca de conhecimentos, de experiências e práticas, impulsionando a recriação de saberes. (CONTE E PEREIRA, 2013, p. 96)

Nesse sentido, existe a possibilidade dessas performances futuramente contribuir com novas formas de expressões corporais na construção de novos saberes, construindo um contexto social de mudança. Schechner (2010) apresenta a performance como movimentos restaurados, realizados pela segunda vez, sem ineditismo, repetidos. Mas ao mesmo tempo, convoca outros sujeitos para conhecerem, instaura lugares novos que não haviam sido pensando para a aprendizagem. (ICLE, 2013)

Pereira (2013) corrobora a performance como ato de presença que materializa sentidos, tomando o corpo como suporte, como signo. Assim, as performances apresentadas pelos alunos nesta esfera mais livre do recreio, parecem evidenciar possibilidades de resignificação do contexto escolar, tornando os corpos ativos para agir na esfera social. Ressalta-se a afirmação de Alexander (2013, p.87), ao tratar da performance na escola como “uma atividade corporificada, crítica e intelectualmente coesa e conectada ao tempo; o processo crítico ativo de analisar o passado no presente com a intenção de informar e talvez (pré) transformar performances futuras”.

Analisando as performances apresentadas cotidianamente por estes alunos no recreio, fica claro a necessidade de performar bem como o ensino de tais maneiras de ser, estar e agir neste mundo. A performance é uma atividade de ação, que incita o fazer, que mostra fazendo, agindo. Por mais que se constitua de representações, possui ao mesmo tempo a riqueza de transformar e resignificar o contexto educativo, o que confirma que nem sempre será reprodutivo.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao discutir as relações entre corpo, performance e escola, foi possível observar que o mundo em que vivemos está em constante movimento e nos percebemos como parte dele por meio das relações que tecemos com os outros. Relações estas que são enriquecidas na escola, durante o cotidiano de aprendizagens disponíveis na esfera educativa. Sem o outro não podemos reconhecer a nós mesmos. Portanto todos os indivíduos são performáticos, de acordo com as funções sociais que exercem e o ambiente no qual se inserem.

Compreender mais detalhadamente o conceito de performance colocado por Richard Schechner, contribui na percepção que o corpo da criança pode representar muitas hipóteses, como por exemplo estar na escola sentado, inerte, atento e uniformizado se trata apenas da performance que este ambiente exige e não representa a criança enquanto filha, prima, irmã, vizinha, neta, etc. Em cada circunstância social haverá uma performance.

Breton (2016, p.8) alerta que “cada sociedade, no interior de sua visão de mundo, delinea um saber singular sobre o corpo: seus elementos constitutivos, suas *performances*, suas correspondências, etc. Ela lhe confere sentido e valor”. É por meio do corpo que o ser humano se comunica com os diversos campos simbólicos que dão sentido ao coletivo, ao

social. Assim, a escola continua como aquela esfera que propicia as aprendizagens necessárias e de certa forma impostas pela sociedade.

O autor ainda elucida:

O corpo é uma construção social e cultural cuja “realidade última” nunca é dada. O corpo emaranha-se, com suas *performances* e seus componentes, na simbólica social, e ele só pode ser apreendido relativamente a uma representação que jamais se confunde com o real, mas sem a qual o real seria inexistente. O simbolismo social é a meditação pela qual o mundo humaniza-se, alimenta-se de sentido e de valores, e torna-se acessível à ação coletiva. (BRETON, 2016, p.226)

Considerando que o sujeito é o seu corpo, que se enuncia e se relaciona com o mundo e seus interlocutores, que se performa de acordo com as variáveis da vida cotidiana e, que esta vida perpassa de forma muito significativa a escola, evidencia-se aqui um entrelaçamento profundo entre sujeito, corpo, performance e escola. Da mesma forma que o homem não pode ser estudado separado de seu corpo físico, não tem como pensarmos em uma educação que ignore tal entrelaçamento.

Da análise dialógica das performances apresentadas pelas crianças no tempo e espaço do recreio da escola evidenciada, uma questão saltou aos nossos olhos: aparentemente não havia necessidade do controle dos adultos, visto que as próprias crianças já tinham uma forma de organização. O recreio não deixa de ser mediado por adultos, mas não é controlado insistentemente por eles. Não há como saber ao certo como essa organização de fato se deu, provavelmente em alguns momentos as crianças foram ensinadas a se comportar desta forma e a compreenderem como norma. Isso nos leva a questionar se de fato o recreio permite performances livres de controle, nos quais as crianças tendem a agir da forma que melhor lhes parecer, ou na verdade, trata-se de um ritual que de tão latente, passa despercebido.

Dessa forma, a escola parece trilhar caminhos ambíguos, pois de forma consciente ou não, ensina as crianças a se performarem para se relacionarem socialmente e, ao mesmo tempo, cria nas mesmas a necessidade de performance, visto que não há relação social sem as performances corporais cotidianas.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, B. K. Para analisar criticamente as interações pedagógicas como performance. In: PEREIRA, Marcelo de Andrade (Org). **Performance e Educação: (des)territorializações pedagógicas**. Pgs 59-94. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação verbal**. Editora WMF Ltda: São Paulo, 6ª ed, 461 pgs, 2011.
- BONATTO, M.T. Professor – Performer, Estudante – Performer: notas para pensar a escola. 2015. 124 f. **Tese (Doutorado)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2015.
- BRETON, D. L. **Antropologia do corpo**. Editora Vozes: Petrópolis: RJ, 4ª ed, 318 pgs, 2016.
- CAVALCANTI, M. L. V. De C. Drama, ritual e performance em Victor Turner. **Sociologia e antropologia**. Rio de Janeiro: v. 3, 2013. Disponível em <[http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/pdfs/ano03n06\\_maria-laura-viveiros-de-castro-cavalcantii.pdf](http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/pdfs/ano03n06_maria-laura-viveiros-de-castro-cavalcantii.pdf)> Acesso em 10 abr 2016.
- CONTE, E; PEREIRA, M de A. Pedagogia da performance: da arte da linguagem à linguagem da arte. In: PEREIRA, Marcelo de Andrade (Org). **Performance e Educação: (des)territorializações pedagógicas**. Pgs 95-113. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.
- DAHLET, V. A Entonação no Dialogismo Bakhtiniano. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin Dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. rev. pgs 249-264. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011.
- ICLE, G. Da performance na Educação: Perspectivas para a pesquisa e a prática. In: PEREIRA, Marcelo de Andrade (Org). **Performance e Educação: (des)territorializações pedagógicas**. Pgs 9-22. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.
- ICLE, G. Para apresentar a performance à Educação. **Educação e Realidade**. Santa Maria: v. 35, n. 2, p. 11-22, 2010. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/15861/9473>> Acesso em 10 abr 2016.
- LIGIÉRO, Z. **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Editora Mauad Ltda, 2012. 199 pgs.
- MACHADO, M. M. A criança é performer. **Educação e Realidade**. Santa Maria: v. 35, n. 2, 2010. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/11444/9447>> Acesso em 10 abr 2016.
- MCLAREN, P. **Rituais na Escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

PEREIRA, M.A. Performance e educação: relações, significados e contextos de investigação. **Educação em Revista**. v.28, n.1, Belo Horizonte: 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v28n1/a13v28n1.pdf>> Acesso em 10 abr 2016.

PEREIRA, M. De A; ICLE, G; LULKIN, S. A. Pedagogia da *performance*: da presença, do humor e do riso na prática pedagógica. **Revista Contrapontos – Eletrônica**. Porto Alegre: v. 12, n. 3, p 335-340, 2012. Disponível em <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/3936/2384>> Acesso em 10 abr 2016.

PEREIRA, M de A. Performance docente: sentidos e implicações pedagógicas. In: PEREIRA, Marcelo de Andrade (Org). **Performance e Educação: (des)territorializações pedagógicas**. Pgs 23-35. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

PINEAU, Elyse Lamm. Pedagogia crítico-performativa: encarnando a política da educação libertadora. In: PEREIRA, Marcelo de Andrade (Org). **Performance e Educação: (des)territorializações pedagógicas**. Pgs 37-58 Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

SCHECHNER, R. **Performance: teoria & praticas interculturales**. Buenos Aires: Libro de Rojas, 2000.

SCHECHNER, R; ICLE, G; PEREIRA, M.A. O que pode a performance na Educação? Uma entrevista com Richard Schechner. **Revista Educação e Realidade**. v.35, n.2, pgs 23-35, 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoe realidade/article/view/13502/7644>> Acesso em 10 abr 2016.